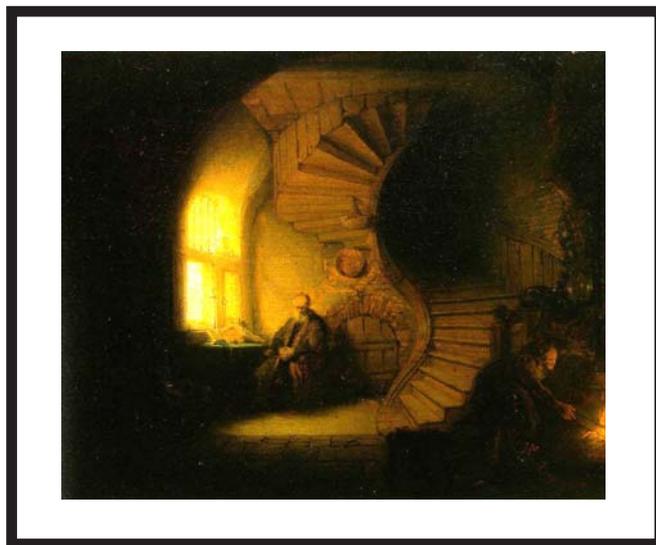


**O CONHECIMENTO:
UM PROCESSO DEMASIADO HUMANO**

Wilson Antonio Frezzatti Jr.



Philosopher in Meditation - Rembrandt Van Rijn - 1632

RESUMO: A verdade entendida como algo imutável e constante é, para Nietzsche, uma ilusão. O homem acredita saber algo das coisas mesmas, mas não possui nada mais do que metáforas, que de modo algum captam o fluxo eterno do vir-a-ser. A metafísica não nos dá a essência das coisas, mas é um processo demasiado humano: os conceitos fixam e simplificam para permitir a comunicação e o exercício do cálculo e da previsão, cujo objetivo é conservar e dominar. Portanto, “conhecer” é um processo orgânico para fins de acordo social e de dominação das condições de existência.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento; Metafísica; Nietzsche.

ABSTRACT: In Nietzsche's view, the unalterable and constant truth is an illusion. The man believes that knows the things, but he only possesses metaphors, which don't capture the eternal flow of the Becoming. The metaphysics doesn't give us the essence of the things, but it is a all-too-human process: the concepts fasten and simplify to allow the communication and the exercise of the calculation and of the forecast, whose objective is the conservation and the domination. Therefore, “knowing” is an organic process for social agreement and dominance of the existence conditions.

KEYWORDS: Knowledge; Metaphysics; Nietzsche.



“*Enrichissons-nous de nos différences.*”

Paul Valéry

1. INTRODUÇÃO

A tradição filosófica moderna, inaugurada por Descartes no século XVII, tem como projeto geral atingir um conhecimento certo. A verdade, tanto para o racionalismo como para o empirismo, é derivada do interior do homem que possui uma estrutura racional que, salvo “defeitos”, deve produzir uma mesma consciência para todos os indivíduos. Dessa forma, o mundo é constituído, em algum nível qualquer, por estruturas ou leis estáticas que podem ser enquadradas em conceitos fixos, isto é, há uma relação necessária entre conceito, seja ele derivado diretamente da razão ou da experiência, e realidade, ou pensamento e mundo, independentemente da práxis humana.

Nietzsche despreza as concepções acima: o que para a tradição metafísica são conceitos abstratos e absolutos para ele são esquemas práticos. O homem acredita saber algo das coisas mesmas, mas “não possuímos nada mais do que metáforas das coisas, que de nenhum modo correspondem às entidades de origem” (NIETZSCHE, 1978, p. 47). Os conceitos, mas também as palavras, são metáforas que esquecemos que são metáforas. Quando a palavra não é utilizada para se referir a uma vivência individualizada e única, mas sim a uma grande quantidade de casos semelhantes - porém nunca iguais -, ela torna-se conceito, ou seja, o conceito provém da igualação do não-igual. O conceito, portanto, nasce da desconsideração do individual e do vir-a-ser; no entanto, a natureza não conhece formas nem conceitos, mas somente um indivíduo que para nós é indefinível. A verdade, portanto, não é adequação entre idéia e ideado e nem a unidade transcende que estabelece ligações necessárias e universais: “as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível” (NIETZSCHE, 1978, p. 48).

2. “NÃO ‘CONHECER’, MAS ESQUEMATIZAR”¹

Longe de ter um fundamento metafísico, a verdade, para o filósofo alemão, tem um uso instrumental. A função do intelecto (que para Nietzsche não é algo imaterial, mas biológico) não é atingir o conhecimento verdadeiro, mas garantir a sobrevivência e a conservação. Se a verdade está interessada na conservação, não pode ser absoluta e independente da experiência humana. O indivíduo, por necessidade, precisa existir socialmente e em rebanho, e, para isso, necessita de um acordo de paz e se esforça para que pelo menos a máxima *bellum omnium contra omnes* desapareça de seu mundo. Diante de um mundo em mudança constante, diante de uma natureza misteriosa, diante do comportamento não previsível de seus semelhantes, o homem necessita de constância e fixidez para que possa ter segurança. A razão humana, sob a regência das abstrações e dos conceitos absolutos, alivia o insuportável sentimento de ser arrastado pelas impressões súbitas, pelo eterno fluxo do vir-a-ser: universaliza todas essas impressões em conceitos mais descoloridos, mais frios, mas constantes e, a partir de agora, previsíveis.

Mas de onde vem essa necessidade de conservação, esse acordo de paz e o mascaramento do vir-a-ser? São os vencidos da vida que impõem a imutabilidade e a constância, que nada mais são do que resignação e renúncia (consideradas como virtudes pelo que o filósofo alemão chama de moral de rebanho); é uma recusa a se admitir as condições fundamentais da própria vida, isto é, uma recusa do vir-a-ser. Nietzsche, em *Genealogia da Moral*, contrapõe dois tipos: o nobre e o escravo. O nobre é aquele que afirma a si próprio e a vida tal qual ela acontece - suas alegrias e sofrimentos. O escravo, frustrando-se com a vida, nega de início o exterior e valora-o com sinal oposto ao do nobre. Este aqui valora o mundo por si próprio e de maneira espontânea; o escravo não tem ação própria, pois seu princípio de ação (a negação

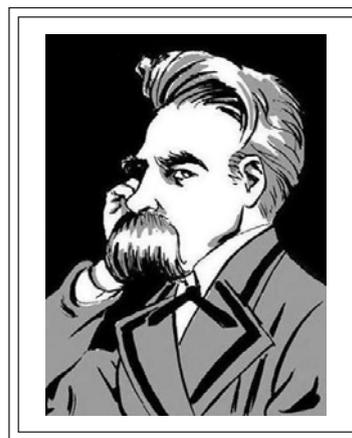
do “outro”) encontra-se fora dele: porque não pode exteriorizar sua força, reprime-se e torna-se ressentido.

O escravo, porque não pode dominar ou se impor, produz ilusões: por não suportar o mundo, em seu eterno fluxo de vir-a-ser, cria um outro projetado no abstrato — produz os dogmas metafísicos e o ideal ascético. Os ressentidos, seja por meio da religião, da ciência ou da filosofia, afastam o caráter dinâmico do mundo e colocam em seu lugar o “mundo verdadeiro”, no qual seremos felizes em um futuro mais ou menos próximo se nos comportamos de acordo com dogmas estabelecidos. Assim, reprime-se a transformação contínua em troca de imagens e promessas de conservação: encobre-se o vir-a-ser com um tem-que-ser-assim. Ao contrário dos nobres, os ressentidos não são capazes de viver por si mesmos; essa dependência produz a necessidade de viver gregariamente e de suprimir a pluralidade da vida: o ideal produz o nivelamento.

A degradação do diferente produz uma massa homogênea que, para sobreviver, precisa da comunicação entre seus componentes. Assim, surge a consciência: o mundo deve mostrar-se igual para os gregários. Nietzsche considera a consciência como um órgão, no sentido biológico, de relação com o mundo, pois é um meio de comunicabilidade, e, portanto, tem uma origem animal e não transcendente. Em consequência, o mundo de que podemos tomar consciência é apenas um mundo de signos, um mundo generalizado, vulgarizado. Dessa forma, tudo que se torna consciente justamente por isso se torna “raso, ralo, relativamente tolo, geral, signo, marca de rebanho, [...] a todo tornar-se consciente está relacionada uma grande, radical corrupção, falsificação, superficialização e generalização” (NIETZSCHE, 2001, p. 250). A consciência, portanto, não é um órgão para o conhecimento, para a verdade. Imaginamos conhecer com certeza o mundo, mas apenas postulamos “verdades” que são úteis para a manutenção do rebanho humano.

A linguagem serve para comunicar as padronizações e as universalizações simplificadoras da consciência: daí a sua esquematização e o seu passar por cima das diferenças — o esquecimento das palavras e dos conceitos como metáforas é uma necessidade. O homem, como toda criatura viva, pensa continuamente. Porém, a parte dele que se torna consciente, ou seja, que pode ser posta em palavras é mínima. Em outras palavras, podemos comunicar somente uma pequena parte do nosso pensamento. Consciência e linguagem, segundo Nietzsche, são interdependentes e desenvolveram-se juntas.

O estabelecimento da linguagem promove o estabelecimento do que é verdade e, por contraste, do que é mentira: ao determinar uma designação uniformemente válida e obrigatória das coisas, a legislação da linguagem dá também as primeiras leis da verdade (cf. NIETZSCHE, 1978, p. 46). A construção dos ideais, dos conceitos e das palavras generalizadoras faz com que o homem tenha que designar “corretamente” as coisas e, assim, nasce um sentimento de “verdade”, apoiado por dogmas metafísicos, tais como “A Verdade”, “O Bem”, “Deus” etc. A verdade estabelece a moral: os indivíduos têm a obrigação de dizer a verdade ou, como Nietzsche revela, de mentir segundo uma convenção sólida, mentir em rebanho, em um estilo obrigatório para todos.



© Sarah Graff

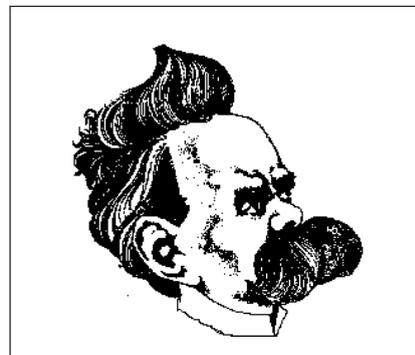
3. “IMPOR AO CAOS TANTO DE REGULARIDADE E FORMAS”²

O que é o caos, que acaba sendo o objeto da esquematização do organismo que quer conservar-se? A Teoria das Forças nietzschiana nos dará o significado desse caos.³ O mundo, para Nietzsche, é finito e é constituído por um número finito, apesar de imenso, de forças eficientes; não há uma força única e, sim, uma pluralidade: a quantidade total de forças permanece sempre a mesma e a multiplicidade se mantém. A força não é definida como algo em si, pois só existe enquanto efetivação, ou seja, a força não se distingue de suas manifestações: a força não é causa, não produz efeitos. Ela é um puro efetivar-se, pura ação - a força não existe em si, mas é um agir sobre: é na relação com as outras que ela existe. Além disso, as forças cósmicas não se distinguem entre o vivo e o não vivo.

As forças agem e resistem umas às outras e tendem a exercer-se até o limite: elas efetivam-se manifestando um “querer-vir-a-ser-mais-forte”. É nessa manifestação que se exprime a Vontade de Potência, que é um caráter intrínseco da força - impulso de toda força para efetivar-se e para aumentar. Não há nenhuma intencionalidade, pois a força não pode não se exercer. A multiplicidade e o impulso por mais potência gera um conflito permanente: o desequilíbrio é fundamental e há sempre redistribuição das forças. O domínio de uma força sobre as outras não é definitivo e o padrão de relacionamento entre elas não é estável. A dominação não é tentativa de destruição, mas sim de assimilação e crescimento. Não há finalidade, pois sempre tentando superar-se, não pode haver como objetivo nenhuma configuração específica de forças.

O mundo, portanto, é um processo e não uma estrutura estável: por não haver intencionalidade, não houve início e, por não haver teleologia, não há um fim, há um eterno vir-a-ser. Não cumpre finalidades, não é governado por leis, não se acha submetido a um

poder transcendente: o mundo é um conjunto de forças instáveis em permanente tensão — este é o significado do caos.⁴



© Stefan Gräbe

4. “O FILOSOFAR HISTÓRICO É NECESSÁRIO DE AGORA EM DIANTE E, COM ELE, A VIRTUDE DA MODÉSTIA”⁵

Nietzsche considera a formação da razão como um processo histórico, não algo que exista independentemente do homem e que tenha uma forma eterna, abstrata e absoluta. A necessidade, nomeadamente a necessidade de conservação, é que determinou a razão e seus instrumentos. A falta de um sentido histórico levaria à metafísica: *o defeito hereditário dos filósofos*. O filósofo analisa o homem do presente e acredita estar diante de uma *aeterna veritas* que transforma em medida segura de todas as coisas, mas não tem nada mais do que um testemunho de um intervalo de tempo muito limitado (cf. NIETZSCHE, 2000, p. 16).

Temos aqui uma crítica específica ao conceito de natureza humana - como tudo no mundo, o homem, para Nietzsche, é um vir-a-ser. A crítica aos filósofos acentua-se: eles não vêem que o homem e sua capacidade de conhecimento vieram a ser e, pior, o mundo inteiro é enquadrado em algo considerado como uma *faculdade* de conhecer — o homem sente-se como uma medida privilegiada e constante das coisas. A metafísica é erigida sobre essas crenças. Porém, não há fatos eternos, não há verdades absolutas.

À pesquisa metafísica é contraposta a uma pesquisa que leva em conta as condições históricas e que questiona o valor dos conceitos e dos próprios valores: o método genealógico. A partir dele, Nietzsche questiona quando e como surgiram, quais as transformações que sofreram e qual o valor dos valores. Mas para isso é necessário um critério que não possa ser avaliado pelo homem, isto é, que não tenha sido uma criação humana. Esse critério é a própria vida. Ela pode ter esse papel na filosofia nietzschiana porque não é considerada algo exterior ou transcendente: ela está no homem, assim como em qualquer ser vivo. Portanto, a ciência, a moral, a religião e qualquer produção humana são avaliadas perante a vida - determinado conceito ou valor é sintoma de uma vida em expansão ou em declínio? É a resposta a essa pergunta que nos dará uma avaliação, o que significa que a vida mesma valora através de nós quando instituímos os valores. Uma vida em expansão, isto é, com uma Vontade de Potência desimpedida, que supera os desafios e que aceita a vida como ela é — suas alegrias e tristezas —, instituirá valores totalmente opostos aos de uma vida em declínio, ou seja, que se importa somente com a sobrevivência (conservação) e que nega a efetividade.⁶ Portanto, é a condição dos impulsos humanos que produz valores e não o Homem ou outra entidade metafísica, isto é, todo ser vivo valora. Os aparelhos da razão - consciência, mente, memória, intelecto, o psicológico, etc. - não passam de funções orgânicas e, por isso, têm um caráter instrumental e visam a operar os eventos do mundo e não, como afirma a tradição científica e religiosa, atingir uma transcendência. As condições de vida modelam o próprio ser vivo e sua relação com o objeto de conhecimento.



© Mentiz Lindig

5. “NECESSIDADE NÃO DE ‘CONHECER’, MAS DE ORGANIZAR, ESQUEMATIZAR, TENDO EM VISTA A COMPREENSÃO”⁷

A metafísica e o idealismo introduzem uma vontade ou impulso pela verdade, pois para eles o conhecimento é um fim abstrato a ser atingido; porém, o que eles chamam de verdadeiro é aquilo que atende a interesses práticos - a sobrevivência ou a conservação daquilo que quer se manter sempre o mesmo. A lógica e o mecanicismo só são aplicáveis aos fatos mais superficiais, pois são procedimentos de esquematização e abreviação: uma maneira de apoderar-se da multiplicidade graças a um artifício da linguagem.

A filosofia e a ciência também funcionam como signos de reconhecimento, pois repousam também sobre o nivelamento, que, no caso, é o princípio de identidade. O princípio de identidade fixa e simplifica para permitir a comunicação - é suficiente apenas para o exercício do cálculo e da previsão, cujo objetivo é conservar e dominar. A simplificação (o apoderar-se da multiplicidade) tenta enquadrar o desconhecido em algo já conhecido, ou seja, “conhecer” é relacionar o novo ao familiar a fim de promover o acordo social e de possibilitar a dominação das condições de existência. Se conhecer é dominar, isto ocorre por meio das forças cósmicas que são o próprio mundo; portanto, toda atividade vital visa à dominação (conhecimento) e não há nenhum órgão específico para o conhecimento — todo o corpo conhece (corpo, órgãos, tecidos, células etc.). Se conhecimento é uma atividade vital, ele se faz na interação com o meio e, portanto, não é atemporal. A questão de esquematizar para fins de acordo e dominação pode ser vislumbrada em questões bem concretas, tais como a relação com o outro, com o diferente. Frente ao estranho ou ao desconhecido, o homem sente-se ameaçado e procura nesse diferente algo que lhe seja familiar para assimilá-lo, ou melhor, dominá-lo. Os conceitos universais e esquematizadores são antropomórficos e de valor limitado.

6. HUMANO, DEMASIADO HUMANO

A verdade entendida como algo imutável e constante é, para Nietzsche, uma ilusão. A metafísica não nos dá a essência das coisas, mas é um processo demasiado humano. A igualação do não-igual gera os conceitos que são as medidas do que devemos ou não fazer. É em torno desses conceitos que os indivíduos criam uma identidade social — gregarizando-se. Assim, quando sérvios e bósnios, por exemplo, que eram vizinhos e dividiam o mesmo espaço, passam a matar-se mutuamente, a criação de conceitos universalizantes exerce um papel importante: “O Bósnio”, “O Sérvio”, “O Muçulmano”, “O Cristão”, “O Oriental”, “O Ocidental” etc. Percebemos o nivelamento em dois movimentos: um que permite que o indivíduo comunique-se com os outros “iguais” e outro que lhe propicia considerar os diferentes como “O Diferente”, pois normaliza as diferenças na medida do “errado” e do “ameaçador”. Ambos os processos, no entanto, visam à conservação e à dominação do que está ao redor; utilizam-se dos seguintes processos: a) proposta de uma origem (*fundatio*); b) afirmação de um parentesco com poderosos ideais dominantes; c) os mistérios (os arcanos); d) a difamação dos ideais adversos; e e) a promessa de vantagens fantasiosas (o paraíso, a felicidade eterna etc.). Essas características são encontradas em várias ideologias de dominação. São abundantes os exemplos de conceitos universalizantes e abstratos, esquecidos como metáforas e considerados como coisas reais, responsáveis por episódios sangrentos na história da humanidade. Nietzsche nos chama atenção para algo muito importante: o viver não é apenas conservar-se e sobreviver, mas expandir-se, ou seja, incorporar o diferente. A pluralidade do mundo talvez seja a sua única riqueza.

T & M

Texto recebido em agosto de 2005. Aprovado para publicação em outubro de 2005.

7. SOBRE O AUTOR

Wilson Antonio Frezzatti Jr. é Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor dos cursos de Graduação e Mestrado em Filosofia na Unioeste – Campus de Toledo. Endereço eletrônico: wfrezzatti@uol.com.br.

8. NOTAS

1. Fragmento póstumo 14 [152] da primavera de 1888 (Nietzsche, 1997, p.116-118).
2. *Idem*.
3. Sobre as forças e vontade de potência, consultar: Marton, 2000, p. 41-72.
4. O organismo humano, igualmente, é um conjunto de impulsos em luta constante por mais potência.
5. Cf. Nietzsche, 2000, p. 16.
6. Sobre conservação e superação, cf. Frezzatti, 2001, p. 73-91.
7. Fragmento póstumo 14 [152] da primavera de 1888 (Nietzsche, 1997, p.116-118).

9. REFERÊNCIAS

- FREZZATTI JR., W. A. **Nietzsche contra Darwin**. São Paulo/Ijuí: Discurso/Unijuí, 2001.
- MARTON, S. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- NIETZSCHE, F. W. **A gaia ciência**. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- . **Fragments posthumes: début 1888 – début janvier 1889**. Traduits: G. Colli; M. Montinari. Paris: Gallimard, 1997.
- . **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- . “Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral”. In: **Obras Incompletas**. 2. ed. Trad. R. R. Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção Os Pensadores).